

**IMPLICATURAS E PROVÉRBIOS: UMA ANÁLISE
PRAGMÁTICA¹**
***IMPLICATURES AND PROVERBS: A PRAGMATIC
ANALYSIS***

Paulo Horvath²

Márcia Regina Marchezan³

RESUMO

Alicerçado na pragmática, GRICE (1975), por meio da teoria das implicaturas, criou um sistema conceitual eficaz para a análise das complexas questões relacionadas ao problema da significação natural. À luz da teoria de Grice, esta pesquisa tem por objetivo analisar a compreensão pragmática da crônica humorística de Jô Soares (REVISTA VEJA, 1991) e identificar as implicaturas decorrentes dos provérbios e suas significações na compreensão, na interpretação e na análise feita por alunos dos cursos de Letras - Português e História, do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA, a fim de demonstrar a consistência do modelo de Grice para descrever e explicar as implicaturas contidas numa determinada classe de textos da linguagem natural - a crônica. O procedimento metodológico empregado neste trabalho envolverá, além da pesquisa bibliográfica, a pesquisa qualitativa. Esperamos, enfim, que nossos estudos venham contribuir para o enriquecimento da reflexão lingüística, já que a construção de significados faz parte do dia-a-dia de todos.

Palavras-chave: Pragmática; Implicaturas; Provérbios

ABSTRACT

Based on pragmatics, GRICE (1975), by means of the theory of implicatures, created an efficient conceptual system for the analysis of complex issues related to the problem of natural signification. In the light of Grice's theory, this research aims to analyze the pragmatic comprehension of Jô Soares's humorous chronicles (REVISTA VEJA, 1991) and to identify the implicatures resulting from proverbs and their meanings in the comprehension, interpretation and analysis carried out by students of the Portuguese Language and History courses at Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) in order to demonstrate the consistency of Grice's model to describe and explain implicatures enclosed in a specific class of

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG

² Acadêmico do Curso de Letras-Português - 8º semestre

³ Professora Orientadora

texts of natural language – the chronicle. The methodological procedure used in this work includes both bibliographical and qualitative research. Thus, it is expected that these studies might contribute to the improvement of linguistic reflection, since the construction of meanings constitutes the everyday life of every person.

Key words: Pragmatics, implicatures, proverbs.

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, Semântica e Pragmática tiveram uma evolução notável e, por este motivo, talvez, protagonizaram uma verdadeira revolução no campo da Linguística, abrindo caminho, primeiramente, com o Estruturalismo de Saussure e Bloomfield e o Gerativismo de Chomsky.

Entretanto, a Pragmática se sustentou como uma teoria do uso da linguagem. WITTGENSTEIN (1961), AUSTIN (1962), SEARLE (1969), investigando a filosofia da linguagem antiga, propuseram a Pragmática Linguística como complemento da Semântica. Assim, criou-se a condição adequada para o surgimento da Teoria das Implicaturas de GRICE (1975). Por sua vez, a questão do implicado tem sido amplamente estudada sob os mais diferentes enfoques: a Linguística Textual, a Semântica Argumentativa, a Semântica Lógica e a Pragmática.

O presente trabalho procurará demonstrar, pela análise da interpretação da crônica “Provérbios do Planalto” de Jô Soares (REVISTA VEJA, 1991) realizada por acadêmicos dos cursos de Letras- Português e História do Centro Universitário Franciscano, o cálculo dedutivo proposto por Paul Grice em sua Teoria das Implicaturas.

Primeiramente, abordaremos os aspectos históricos e alguns conceitos fundamentais sobre a pragmática. Depois, trataremos de expor os estudos feitos por Grice e, em seguida, procuraremos aplicar, no Corpus supracitado, sua teoria.

Com isso, acreditamos despertar o interesse daqueles que desejam investigar a linguagem em ação a partir de um modelo que abarque consistentemente suas complexas relações

ASPECTOS TEÓRICOS

A TEORIA DAS IMPLICATURAS DE PAUL GRICE

Paul Grice, em meados da década de 50, começou a produzir textos importantes sobre sua teoria das implicaturas. *Meaning* (1957) foi a obra em que Grice apresentou a teoria da comunicação, desenvolvendo conceitos de significação material e não material (*meaning-nn*).

Assim, o autor, tratando sobre o estudo do significado, procurou deixar claro que deve ser possível explicar as expressões que dão algo a entender sem que este algo seja diretamente veiculado por uma dada expressão. Seus estudos, enfim, foram decisivos para a origem das pesquisas sobre pragmática, principalmente no trabalho de SEARLE (1969). Porém, em Harvard, no ano de 1967, durante a conferência em homenagem a William James, Paul Grice já havia provocado uma revolução no campo das pesquisas sobre Pragmática.

Em 1975, Grice publica "Logic and Conversation" apresentando, com essa obra fundamental, um sistema conceitual eficaz para a análise das complexas questões relacionadas ao problema da significação na linguagem natural. Descrever e explicar os efeitos de sentido que vão além do dito foram o principal objetivo de seu estudo. Essa era a essência da sua preocupação, ou seja, estabelecer o significado convencional das palavras e o significado desejado pelo falante. Em resumo, o dizer do falante seria caracterizado pela mensagem de significação literal (o que realmente se quis dizer), e a mensagem contextual (o que se tentou dizer).

Como exemplo, o autor coloca a seguinte situação: suponha que A e B estejam comentando sobre um amigo C. A pergunta a B como está a situação de C em seu emprego. B responde: Oh, muito bem, eu acho. Ele gosta de seus colegas e ainda não foi preso (GRICE, 1982, p.84).

A partir desse diálogo, que se tornou referência para os estudos da Pragmática, Grice introduz os termos técnicos IMPLICAR (implicate) e os derivados, IMPLICATURA (implicature) e IMPLICADO (implicatum) que dizem respeito às expressões que dão algo a entender sem que este algo esteja diretamente manifesto.

Analisando o diálogo, anteriormente descrito, temos a seguinte situação: A pergunta a B sobre a situação de C. Por sua vez, B responde algo sobre C que extrapola a simples pergunta de A. É necessário, então, que A saiba mais sobre C para deduzir o que está implícito na resposta de B. De acordo com a teoria das implicaturas, B deu a entender algo em sua resposta, ou seja, B IMPLICOU uma informação sobre C que será entendida por A, desde que no contexto, a resposta de B seja clara.

PONTOS DE CONVERGÊNCIA PRESENTES NO DIÁLOGO

Os pontos de convergência são esforços cooperativos presentes nos diálogos e são determinados pelos participantes no início ou no decorrer da conversação. Baseado nessa proposição, Grice postula que há leis implícitas que regem o ato comunicativo. Ainda sobre os pontos de convergência, o autor afirma que eles são formados pela ação das regras do jogo comunicacional entre falantes que conhecem os efeitos de sentido presen-

tes em sua língua materna; tal ação é regida pelo Princípio da Cooperação que faz parte da competência pragmática dos indivíduos.

Por conseguinte, o Princípio da Cooperação se apresenta em quatro categorias fundamentais articuladas em máximas e submáximas, são elas: categoria da quantidade; da qualidade; da relação e do modo.

a) Categoria da quantidade: diz respeito à medida exata do grau de informações requerida na conversação. Grice apresenta duas máximas decorrentes dessa categoria:

- Faça com que sua contribuição seja informativa na proporção requerida ao propósito da conversação.

- Evite o excesso de informação.

Ao fornecer informações em demasia, corre-se o risco de prejudicar aos interesses próprios da conversação, principalmente quanto à clareza do intercâmbio.

b) Categoria da qualidade: deve dizer-se a verdade, ou pelo menos, comunicar-se algo que se pode demonstrar. Quanto a essa categoria, o autor aponta uma supermáxima:

- Trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira. Desta, surgem as seguintes submáximas:

- Não diga o que você acredita ser falso.

- Não diga senão aquilo do qual você possa fornecer evidência adequada.

c) Categoria da relação: esta categoria engloba tanto a relevância da informação quanto à permanência da interlocução sobre o tema. Ou seja, além de empregar a máxima da quantidade requerida de informação, deve-se procurar manter o tema ou assunto durante a conversação. Em suma, trata-se a informação de maneira relevante.

d) Categoria do modo: refere-se à maneira de como o que é dito deve ser dito, incluindo-se a supermáxima: "seja claro". Nesse sentido, deve o falante obedecer a certos critérios ao fazer uma contribuição, tais como: evitar ao máximo ambigüidades; falar com clareza; ser ordenado e o menos prolixo possível, expressando a idéia com brevidade.

Ainda, para o autor, as próprias condições da conversação são determinantes para legitimar o uso do Princípio da Cooperação, bem como das máximas correspondentes. Além disso, mesmo que se deixe de cumprir uma das máximas, as implicaturas podem ocorrer de várias maneiras no intercâmbio conversacional.

PROPRIEDADES DAS IMPLICATURAS

Com o objetivo de identificar melhor as implicaturas, Grice explicitou as propriedades que essas devem ter para serem consideradas como tais:

IMPLICATURAS CONVENCIONAIS

- Atréadas à força convencional do significado das palavras.
- Independentes de um trabalho de interpretação dedutiva por parte dos interlocutores.

IMPLICATURAS CONVERSACIONAIS

- Presença de características como (1)dedutividade ou calculabilidade; (2)cancelabilidade; (3)interminabilidade; (4)não-destacabilidade, (5)não-convencionabilidade (externos ao sentido do enunciado); (6)indeterminabilidade (não-determinado pelo dito, mas pelo dizer o dito).

1) Dedutividade:

Grice afirma que, se uma implicatura conversacional não for reconhecida pelo cálculo lógico, ela não pode ser conversacional.

Por exemplo:

(1) (A) _Deve ser bom dar aula para a 8ª série.

(B) _Prepare-se, eles são adolescentes.

Por uma questão de lógica, (B) implica a (A) que os alunos da 8ª série são problemáticos, pois os adolescentes, em geral, são problemáticos.

2) Cancelabilidade:

Ocorre quando uma implicatura pode ser anulada por outra na mesma oração.

(2) (A) _Quantos alunos da 8ª série são problemáticos?

(B) _Todos, quase todos.

Nesse caso, com o acréscimo de “quase todos”, “todos” é anulado, ou seja, cancelado.

3) Não-destacabilidade:

Refere-se ao fato de que as implicaturas conversacionais não podem depender de um modo de expressão. Nesse caso, uma implicatura permanecerá desde que se diga a mesma coisa, ainda que de outra forma.

(3) (A) _Preciso comprar um livro.

(B) _Há uma livraria aqui perto.

4) Interminabilidade:

Neste caso, o emprego da metáfora é muito utilizado.

(4) (A) _Nossa! Seus alunos são muito indisciplinados.

(B) _É, eles são uns diabos.

5) Não-convencionabilidade:

Relaciona-se à diferença que Grice estabelece entre implicatura conversacional e convencional. Mesmo utilizando-se de recursos lingüísticos, a implicatura prevalece como conversacional.

(5) (A) _Lidar com adolescentes é fácil.

(B) _Sim, tanto quanto com terroristas fanáticos.

6) Indeterminabilidade:

Ocorre quando as condições de verdade não determinam a implicatura. O implicado será falso e o dito verdadeiro.

(6) (A) _Fui escolhido para lecionar em uma escola de delinquentes.

(B) _Bem, agora é tarde.

No exemplo acima, (B) implica a (A) uma relação que pode ser falsa, pois há uma clara intenção de que (A) se conforme com sua situação. Caso contrário, (A) poderia fazer alguma coisa para resolver seu problema. (B) esgota as possibilidades de reação de (A).

METODOLOGIA E ANÁLISE

Conforme citamos anteriormente, esta é uma pesquisa teórico-prática que visa a analisar e a compreender, por meio da Pragmática, a crônica humorística de Jô Soares, "Provérbios do Planalto", extraída da revista *Veja* (02.10.91), utilizando, como fundamentação, a Teoria das Implicaturas de Paul Grice. Primeiramente, a referida crônica será interpretada/analísada por um acadêmico do curso de Letras-Português e outro do curso de História do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA de Santa Maria. Salienta-se que não é relevante o número de sujeitos da pesquisa, uma vez que esta é de cunho qualitativo. A partir desse corpus, poderemos demonstrar então a consistência do modelo de Grice para descrever e explicar as implicaturas contidas numa determinada classe de textos da linguagem natural: a crônica.

É importante frisar que não se trata de uma simples crônica. De acordo com o objetivo deste trabalho, procuramos um texto que apresentasse um número expressivo de provérbios. Todavia, a crônica "Provérbios do Planalto", de Jô Soares, conseguiu extrapolar nosso intento. Nela, encontramos um elenco de provérbios apropriados e relacionados a um determinado momento histórico do cenário político brasileiro, porém, reelaborados a partir de provérbios conhecidos.

A seguir, analisaremos alguns provérbios presentes na crônica em questão, nos quais poderemos exemplificar e elucidar, apropriadamente, tais afirmações e, assim, identificar como ocorrem as implicaturas correspondentes.

Posteriormente, confrontaremos tais análises com os textos produzidos pelos sujeitos da pesquisa, identificaremos assim, como ocorre o desencadeamento das implicaturas presentes nos provérbios, observando possíveis falhas na interpretação dos leitores, ou seja, dos próprios acadêmicos dos cursos de Letras-Português e História do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA.

ANÁLISE DO CORPUS

Na segunda parte deste trabalho, preocupamo-nos em apresentar o modelo de Grice cuja principal propriedade é possibilitar, pela teoria das implicaturas, a identificação dos inúmeros significados contidos num enunciado. Ou seja, por meio de seus estudos, foi possível explicar o complexo fenômeno de significação da linguagem natural e seus efeitos de sentido que vão além do dito.

Apresentaremos agora o texto na íntegra e, a seguir, destacaremos os exemplos que serão utilizados na análise.

PROVÉRBIOS DO PLANALTO

A comissão faz o ladrão.
Mais vale um Passarinho na mão do que dois tucanos.
Pior o Emendão que o soneto.
A cargo dado não se olha o dente.
Quem vê cara não vê coalizão.
Devagar se vai ao lago.
Deus ajuda lobista que madruga.
Quem tem boca vai e arruma.
De grão em grão o café enche o bolso.
Quem tem PC não morre pagão.
Os cães ladram, e a Malta passa.
Quem canta seus Mellos espanta.
Quando a esmola é muita o lobby desconfia.
Quem rouba 1 tostão é ladrão, quem rouba 1 milhão está defasado.
Depois da impunidade vem a bonança.
Quem semeia ventos faz a maior importação de grãos da história.
Licitação e água benta, cada um usa a que quer.
Aqui se faz aqui se pega.
Há malas que vêm para o bem.
A corrupção tem razões que a própria razão desconhece.
Quem emenda sempre alcança.
Uma aliança só não faz verão.
Em briga de marido e mulher ninguém deve meter a colher.
Quando não Malta, esfolá.

(Jô Soares, REVISTA VEJA, 1991)

Conforme percebemos, a crônica retrata um determinado momento de nossa história política. Podemos afirmar, então, que para atender ao Prin-

cípio da Cooperação, postulado por Grice, é necessário que o leitor (destinatário) tenha acompanhado, ou pelo menos, esteja um pouco informado sobre tal situação e que o autor (enunciador) tenha atentado às máximas: de qualidade, violando-a pela combinação da metáfora e da ironia, ou da quantidade, ou da relação, ou ainda de modo. Isso, de acordo com a análise a seguir, será devidamente demonstrado.

Sobre a questão dos trocadilhos presentes no texto, podemos dizer que, além de torná-lo mais atraente sob o ponto de vista da criatividade, reforçou ainda mais o caráter dialógico inerente à crônica. Por si só, o provérbio é uma expressão que carrega, em sua estrutura profunda, uma mensagem, um código a ser decifrado, deduzido. O aspecto moralizante, também presente nas entrelinhas, torna-o duplamente eficaz para desencadear a ironia no texto, afinal, qual setor da realidade brasileira mais carente de moralidade e ética senão o da política?

Quanto à aplicação prática dessa pesquisa, procuraremos abreviar nossa investigação, visto que nosso trabalho não comportaria uma interpretação completa da crônica com base na teoria de Grice. Portanto, delimitaremos nossa análise em apenas dois provérbios, escolhidos, aleatoriamente, no texto, pelos sujeitos.

Os sujeitos da pesquisa serão dois acadêmicos do 8º semestre dos cursos de Letras-Português e de História, ambos do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA, de Santa Maria.

Para cada um deles será entregue uma folha contendo a crônica "Provérbios do Planalto" de Jô Soares, com a seguinte questão: "Após a leitura atenta do texto, escolha dois provérbios e interprete-os, escrevendo o que você entendeu de cada um deles".

PROVÉRBIOS ESCOLHIDOS

De acordo com a escolha dos acadêmicos, os provérbios a serem analisados são os seguintes:

"A comissão faz o ladrão" e "Aqui se faz aqui se pega", escolhidos pelo acadêmico do curso de Letras-Português da UNIFRA que, para efeito de análise, chamaremos de sujeito "A";

"Mais vale um Passarinho na mão do que dois tucanos" e "Em briga de marido e mulher ninguém deve meter a colher", provérbios escolhidos pelo acadêmico do curso de História da UNIFRA que, também para efeito de análise, chamaremos de sujeito "B".

Apresentaremos as interpretações realizadas pelos sujeitos A e B, e faremos a análise utilizando a teoria das implicaturas de Grice. Para tanto, destacaremos apenas um provérbio dentre os escolhidos pelo sujeito A e pelo sujeito B.

De A escolheremos o seguinte provérbio: A comissão faz o ladrão; e de B: Mais vale um Passarinho na mão do que dois tucanos.

DA ANÁLISE

Para demonstrar o processo das implicaturas, propomos a seguinte simbolização:

(D) = destinatário: todos os leitores da revista Veja (inclusive os sujeitos A e B);

(E) = enunciador: Jô Soares;

(C) = contexto: conjunto de proposições conhecidas por (D) e (E);

(P) = enunciado = provérbios: aquilo que é dito por (E);

(I) = implicaturas: inferências pragmáticas do tipo griceano.

Apresentando as interpretações dos provérbios realizadas pelos sujeitos (A) e (B), temos, respectivamente:

“A comissão faz o ladrão.”

a) Interpretação de (A):

“Em ‘A comissão faz o ladrão’ o autor faz uma intertextualidade com o provérbio ‘A ocasião faz o ladrão’, remetendo aos escândalos e falcatruas da política brasileira. Quando é citada a comissão (parlamentar de inquérito), entendemos a ironia e a crítica à política nacional”

b) Análise:

Sabendo-se que o provérbio analisado é de autoria de Jô Soares, publicado na revista Veja de 02.10.91, durante a turbulenta fase da política brasileira influenciada pelo escândalo Collor, protagonizado pelo tráfico de influências e pelos rombos contábeis deixados por seu tesoureiro de campanha eleitoral, temos:

(P) “A comissão faz o ladrão”.

(C) - A revista Veja é o remetente;

- O cronista e humorista Jô Soares ironiza e retrata os problemas políticos do país;

- A crônica foi publicada em outubro de 1991, no auge da crise política da era Collor;

- O provérbio escancara a corrupção que assola o país;

- Os políticos são corruptos.

(I) “A comissão faz o ladrão”.

Implicatura conversacional particularizada por quebra da máxima de modo.

O emprego intencional da palavra “comissão” gera ambigüidade, como vimos na interpretação de (DA), que a compreendeu como “comissão parlamentar de inquérito” e não como “recompensa financeira por intermediar determinado negócio”.

Isso, porém, ao invés de atrapalhar os objetivos de (E), não interfere, pois a compreensão final de que há corrupção na política brasileira é estabelecida. O que é resultado do seguinte esquema:

1- (E) disse (P);

2- (E) empregou uma palavra de duplo sentido;

3- (DA) contudo coopera;

4- (DA) sabe que (E) pretende criticar (C);

5- (DA) implica (I): há corrupção na política brasileira;

6- (E) coopera e implica que (D) está a par de (C) e por isso é capaz de compreender a ironia presente em (P).

DITO: “A comissão faz o ladrão”.

IMPLICADO: “A política brasileira dá margem a atos corruptos”.

“Mais vale um Passarinho na mão do que dois tucanos”.

a) Interpretação de (B):

“Na época, o todo poderoso ‘Passarinho’ tinha mais força que muitos tucanos, que representavam o partido do atual F.H.C.”

b) Análise:

O provérbio a ser analisado também é de autoria de Jô Soares, publicado no corpo da crônica já mencionada. Temos, então:

(P) “Mais vale um Passarinho na mão do que dois tucanos”.

(C) - A revista Veja é o remetente;

- O cronista e humorista Jô Soares ironiza e retrata os problemas políticos do país;

- A crônica foi publicada em outubro de 1991, no auge da crise política da era Collor;

- O provérbio mostra o fisiologismo na política brasileira;

- Os políticos são oportunistas.

(I) “Mais vale um Passarinho na mão do que dois tucanos”.

Implicatura conversacional particularizada por quebra das máximas de qualidade e de modo.

Este provérbio tem dois pontos chaves: primeiro, a substituição de “pássaro” por Passarinho; segundo, a redundância gerada pelo emprego da palavra “tucano”. Esse expediente utilizado por (E) foi compreendido por (DB), que apontou o jogo de influências em nossa realidade política cujo esquema teórico é o seguinte:

- 1- (E) disse (P);
- 2- (E) particularizou a idéia de pássaro duplamente;
- 3- (DB) coopera
- 4- (DB) sabe que (E) pretende ironizar (C);
- 5- (DB) implica (I): há jogo de influências pessoais na política brasileira;
- 6- (E) coopera e implica que (D) está a par de (C) e por isso é capaz de captar a informação presente em (P).

DITO: "Mais vale um Passarinho na mão do que dois tucanos".

IMPLICADO (I): "A presença do senador Jarbas Passarinho como aliado político é importante".

IMPLICADO (II): "Os partidários (tucanos) do PSDB não possuem representatividade expressiva no cenário político".

REFLEXÕES FINAIS

Tratadas como um fenômeno comum presente em grande parte da comunicação humana, as implicaturas convencionais e conversacionais, descobertas e investigadas por Grice, transformaram-se num potente objeto de estudo para a teoria griciana.

Grice procura mostrar em que consistem as implicaturas conversacionais, investigando como se desenvolvem os intercâmbios no ato natural da linguagem, constatando, nestes, características comuns em que se desenvolvem, segundo um princípio norteador denominado Princípio da Cooperação. Este Princípio, coordenado por um sistema de máximas, traduz-se pelo esforço mútuo entre os participantes, de um diálogo qualquer, em se fazerem entender. Entretanto, é pela quebra de tais máximas que são estipuladas as implicaturas, ou seja, todas as mensagens que vão além do dito.

Em nosso Corpus "Provérbios do Planalto", de Jô Soares, encontramos uma gama quase infindável de exemplos em que podemos aplicar a Teoria de Paul Grice com sucesso. Justifica-se, pois, este sucesso pela riqueza de implicaturas, as quais foram geradas pelas metáforas e pela ironia, responsáveis pela violação das máximas.

Além disso, poderíamos, talvez, avançar ainda mais em nosso trabalho de pesquisa, bastando, para tal, adicionarmos mais um enunciador, visto que o autor se utiliza de provérbios surgidos do povo. Teríamos, então, um comparativo entre as implicaturas presentes nos provérbios originais e as implicaturas advindas dos trocadilhos. Também, poderíamos mudar o vetor da pesquisa e abordar os aspectos polifônicos defendidos por outra teoria lingüística.

Enfim, como percebemos, o campo para os estudos lingüísticos é muito vasto. No caso particular de nossa pesquisa, procuramos, de maneira prática, demonstrar a teoria das implicaturas de Paul Grice e aplicar seu cálculo dedu-

tivo, tomando como base a interpretação dos acadêmicos dos cursos de Letras-Português e História da UNIFRA nos provérbios presentes na crônica "Provérbios do Planalto" (Jô Soares, REVISTA VEJA, 91). Esperamos que tal trabalho teórico-prático venha contribuir, ainda mais, para os estudos dos fenômenos da linguagem natural a partir da análise pragmática.

BIBLIOGRAFIA

AUSTIN, J. L. 1962. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press.

GRICE, H. Paul. 1975. **Logical and Conversation**. Unpublished MS of the Willians James Lectures, Harvard University. Logical and Conversation. In: Cole & Morgan (1975: 41 – 58). (Part of Grice – 1967). (Trad. Port. Geraldi, J. W. 1982: 81 – 103) In: Dascal (ed) 1982, 1975.

REVISTA VEJA, 1991. **Provérbios do planalto**. 2/10/91.

SEARLE, J. R. 1969. **Speech Acts**. Cambridge University Press.

WITTGENSTEIN, L. 1961. **Philosophical investigations**. Oxford: Blackwell.

